

Faculdade de Engenharia da
Universidade do Porto

Comentário a uma frase polémica:
"Há quatro coisas que não funcionam com a teoria
actor-network; a palavra actor, a palavra network, a
palavra teoria e o hífen! Quatro pregos no caixão."
(Latour,1999)

Cristina Barroso Pereira
Fundamentos de Gestão
MGI 2001/2003

Introdução

Das escassas leituras que fiz até ao momento sobre a chamada teoria actor-network (TAN) optei pelo comentário à frase indicada no título já que a posição que Bruno Latour assume me parece sem dúvida a mais consistente. Antes porém irei tecer alguns pequenos comentários acerca das questões fundamentais que estão na base da TAN, como por exemplo alguns dos argumentos utilizados por John Law para a não diferenciação entre o "social" e o "material", ou aquilo a que chama "materialismo relacional" .

As condições propostas para o trabalho não me permitiram uma reflexão mais aprofundada, e como já indiquei, o comentário irá centrar-se na curiosa afirmação de Latour, que na minha perspectiva e com alguma ironia nos pretende transmitir o verdadeiro sentido desta abordagem.

Confrontarei ainda os dois exemplos – A "expansão Portuguesa" e a "pasteurização da França" porque penso consistirem , principalmente o segundo, bons exemplos de processos de networking.

Mais do que em qualquer outro trabalho a análise desta questão obriga a um grande cuidado na utilização das palavras, não só para clarificar o sentido dos conceitos, mas principalmente porque uma palavra "errada" pode perfeitamente induzir a uma subversão do seu sentido. Penso que foi isso que em grande parte levou à incompreensão da abordagem e à sua descontextualização.

Da sociologia da ciência e tecnologia a uma ontologia de quase-objectos.

Segundo as palavras do próprio B. Latour a invenção da designação actor-network partiu de Michel Callon por forma a “livrar-se” da parte social do argumento realista/constructivista¹ e ainda segundo as suas palavras a utilização da palavra “network” serve também o propósito de se ultrapassarem as noções de “sistema” e de “estrutura”.

Mas objectivamente (e não gosto da palavra, mas não encontrei outra melhor) a que nos estamos a referir quando falamos de TAN ?

Concebo a TAN como uma abordagem que essencialmente pretendeu ultrapassar anteriores concepções teóricas acerca do “social”, do “humano” e do “racional” assim como superação definitiva das dicotomias que se nos impõem a todos os níveis, nomeadamente aquelas que têm sido alvo de acaloradas discussões académicas na pós-modernidade.

Para se compreender claramente a afirmação de Latour deve também entender-se uma outra que nos diz que “nunca fomos modernos”, de que nunca existiu nenhuma revolução copernicana ou qualquer outra (isto apesar de revolução copernicana ser sinónimo de “tradução” entendida como transformação ou mudança de centro),

¹ Ver entrevista com Bruno Latour – T. Hugn Crawford, An interview with Bruno Latour, Virginia Military Institute
<http://muse.jhu.edu/demo/configurations/1.2crawford.html>

e que o que existe e a forma como existe em essência ser simplesmente tão só o fruto dos efeitos de "networking".

John Law apresenta - nos o caso da expansão portuguesa para ilustrar que tudo aquilo só aconteceu porque se conjugaram determinados factores que assim o permitiram. Neste caso particular pretendeu demonstrar que o movimento expansionista foi algo mais do que obra de personalidades fortes e destemidas , mais do que vontade de mostrar "novos mundos ao mundo", e tão simplesmente um conjunto heterogéneo de elementos humanos e não-humanos (mapas, instrumentos de navegação, barcos, destreza física e mental, práticas, teorias etc.) que organizados de uma certa forma produziram um determinado efeito a que chamamos movimento expansionista.

Estão aqui claramente expostas as ideias base na perspectiva de J. Law da TAN , para clarificar , o que ele nos quer dizer é que não podemos falar simplesmente do social , ou do mundo material (das entidades coisificadas) como podendo subsistir autonomamente , mas sim como existindo numa rede de interdependências. Ambos os elementos social/material fundem-se num tecido de malhas finas aparecendo aos nossos olhos como uma e a mesma coisa, ou melhor ainda como um efeito da sua própria existência.

Segundo a sua perspectiva não se trata aqui de, apesar de poder ser problemático, discutir da ascendência ontológica de uns actores em relação aos outros (humano versus não-humano) mas sim de analisar de que forma a sua interacção se redimensiona no social.

O enfoque desta análise centra-se naquilo a que chama uma "rede heterogénea", assim como na absoluta assunção de que o humano mais não é do que ele próprio fruto da interacção nesse processo de networking.

Esta perspectiva levanta assim algumas questões que a tornam bastante problemática, e contrariando de certa forma a essência da abordagem na perspectiva de J. Law poderíamos perguntar onde se encaixam aquelas teorias que incidem sobre a acção intencional humana como força propulsora , ou diferencial que faz com que o homem se supere continuamente e ultrapasse as suas limitações. Para J. Law não há agentes, simplesmente porque aquilo a que chamamos acção é sempre o efeito de uma força, energia, movimento ou como lhe quisermos chamar.

Confesso que esta posição apesar de não se apresentar como reducionista, na medida em que não reduz o humano ao técnico ou o técnico ao humano, deixa o "sujeito" completamente diluído no que poderíamos chamar contexto universal. Já nem sequer se trata aqui da velha questão da superioridade humana face a outras entidades , é tão simplesmente a sua total dispersão.

Todos os argumentos que pensei poderem de alguma forma contestar esta forma de abordar a realidade embateram de alguma forma na questão de que "aquilo" a que chamamos homem só faz realmente sentido enquanto tal com relação a uma outra "coisa" sendo que "coisa" aqui assume a designação de "qualquer coisa", humano ou não, é indiferente.

Como é afirmado² eu enquanto a pessoa que sou (enquanto imagem que os outros me devolvem e que torna a minha identidade consistente) só o sou porque os outros me reconhecem como sendo eu próprio. Ou seja a minha identidade depende de uma interdependência em relação aos outros. Mas, por outro lado mesmo que eu perdesse a minha identidade que me faz ser quem sou

² Artigo de John Law, *Notes on the theory of the Actor - Network: Ordering, Strategy, and Heterogeneity*, Systems Practice, Vol.5, No.4, 1992 p.383

perante o social, o que mudaria seria a perspectiva dos outros em relação a mim e não o meu "eu" pessoal que continuaria sendo uma entidade autónoma, o que não impediria ainda assim de ser "engolido" pelo social ,(não sei bem porquê mas esta discussão lembra-me de alguma forma "O Processo" de Kafka).

Veja-se como exemplo os programas de protecção de testemunhas , mudam-se os actores de cenário mas apesar disso não se erradicam individualidades , os actores continuam sendo os "mesmos" mesmo sendo "outros".

Esta é uma questão de enorme problematidade que não cabe aqui alargar , mas que em meu entender serve para tornar a questão ainda mais interessante.

A afirmação de que nenhuma entidade, seja ela agente ou organização, seja uma entidade acabada é perfeitamente compreensível, assim como também é perfeitamente legítimo pensar que aquilo a que chamamos "sociedade" é tão só um efeito de superfície, ou produto de um conjunto heterogéneo em permanente movimento. O que penso não deveríamos esquecer, é que diga-se o que se disser, palavras como "social", "teoria" ou seja o que for, é indiferente, têm sido sempre uma criação do homem para tentar explicar a sua complexidade, não há nada que saia da esfera do humano porque tudo é visto de uma perspectiva interna, ou seja é sempre o homem a tentar explicar-se a si mesmo. Tudo mudaria se existisse alguma análise que se pudesse colocar numa perspectiva exterior ao próprio mundo do homem. Talvez assim as coisas se clarificassem. Outra questão importante é a de que aquilo a que chamamos tecnologia mais não é do que a construção de uma extensão quer seja do nosso corpo quer seja da nossa mente para tentar superar as suas nossas limitações. Alguns dos objectos que o

homem cria são em função das suas necessidades que também vão sendo elas sucessivamente criadas, não é por mero acaso que o design actual encontra em duas simples palavras a sua razão de existir – forma e função. “Forma” enquanto tenta adequar os objectos criados às características humanas (lembramos as preocupações com a ergonomia), hoje os elementos não humanos tendem a assumir formas quase-humanas, “função” porque acima de tudo visam uma aplicação funcional, relacionada com a utilidade prática dos objectos.

Quero com tudo isto dizer que é ainda o homem que detém a capacidade criativa e aquilo a que assistimos por exemplo no campo da inteligência artificial são ainda meras tentativas de traduzir alguns dos mistérios do humano. As capacidades criativas no domínio das artes são sem dúvida um exemplo paradigmático.

Se ficássemos só pela análise de J. Law seria em minha opinião bastante mais fácil encontrar argumentos que de alguma forma poderiam debilitar a TAN. Ao olharmos para o exemplo apresentado e refiro-me ao caso português (descobrimentos) ao ter de ser isolado para análise, ou melhor ao ser segregado de um todo de que faz parte perde à partida parte do seu valor . Partilho da ideia de que o todo é algo mais do que a soma das suas partes, ora se para compreender o todo tenho de o decompor lá se vai o essencial da questão. Perde-se precisamente o tal efeito que é o resultado do processo de networking. Mesmo um termo chave como é o de “tradução” me pareceu bastante problemático³. No contexto da posição de J. Law pareceu-me ser identificado com transformação, no

³ O conceito de problematicidade aqui deve entender-se não como uma tentativa de crítica, até porque não possuo instrumentos que me permitam tal intento, mas sim como uma tentativa de chegar a um entendimento mais aprofundado da questão.

sentido de que uma coisa pode estar em vez de uma outra sendo os seus papéis perfeitamente reversíveis.

Podemos desta forma entender como é que o centro das operações (no exemplo apresentado) se movimenta em relação a uma periferia que só o é em relação a esse centro, podendo a qualquer momento e por efeito de alterações intrínsecas ao processo sofrer alterações que transformem ligações fortes⁴ em ligações precárias.

Agora como passamos de uma teoria sociológica complexa para aquilo a que Latour chama uma ontologia de quase-objects ?

Quando Latour diz que tudo está mal na definição ou melhor na designação da TAN quer simplesmente dizer que por mais que tentemos encontrar palavras capazes somos sempre remetidos para entidades de certa forma estáticas, "teoria" porque carrega implicitamente um sentido de aplicabilidade geral, algum sabor a universalidade. "Actor" porque em primeiro lugar se apresenta como uma entidade separada de "Network" quando a ideia principal seria a de fundir os dois conceitos num só termo, segundo porque não transparece claramente o seu sentido . "Network" torna-se insuficiente porque traduz hoje mais do que nunca e apesar da ideia de ligação entre diferentes pontos, a ideia de algo perfeitamente estruturado e definido, o que contraria a essência da abordagem na sua raiz. Por fim o "hífen" porque acentua a já à priori separação entre actor e network.

Na minha perspectiva esta abordagem torna-se extremamente clara na explicação que Latour faz do fenómeno a que chamou " a

⁴ Segundo J. Law a estabilidade e a força das relações num processo de networking centram-se naqueles actores capazes de concentrar em si mesmo efeitos de durabilidade e mobilidade. De notar ainda que tal estabilidade e força enquanto processo de networking estão na dependência directa daquele contexto específico.

pasteurização da França” . Esta questão torna-se interessante em primeiro lugar pelo tipo de estudo realizado como sendo um trabalho de um cientista social, em segundo lugar pela forma como foi feita a abordagem o que permitiu extrair conclusões bastante inovadoras acerca do trabalho que é feito no interior dos laboratórios.

Latour procurou ultrapassar quer uma visão internalista da ciência , que aponta para a ciência como universo fechado, longe de influências exteriores às actividades científicas, que , e aqui é que reside em minha opinião a grande vantagem, ultrapassa também a própria visão externalista própria dos que pensam que a ciência não é um sistema fechado, onde comunidades de elites trocam conhecimentos, mas pelo contrário assumem que o cientista não é uma entidade neutra, e que no processo de criação científica estão envolvidos todos os sistemas de crenças dos quais é impossível libertar-se. Como já disse, Latour vai mais além e pretendeu mostrar que o laboratório e tudo aquilo que este comporta não encerra verdades extraordinárias escondidas fora do alcance do social. Este e o laboratório são em última análise uma e a mesma coisa. O que Pasteur conseguiu, utilizando os dispositivos adequados foi, “deslocar” o espaço do seu laboratório para o social, neste caso particular e numa primeira fase, as quintas onde eram detectados focos de infecção. Este movimento transformou o espaço social numa extensão do laboratório, espaço esse onde foi possível criar condições ao desenvolvimento dos novos actores até então invisíveis.

Resumindo, na perspectiva de Latour , o trabalho de Pasteur consistiu essencialmente em proceder às deslocações necessárias –

aquilo a que chama "translation"⁵ – que permitiram um efeito contínuo de transformação do tecido social.

É de salientar que neste caso podemos claramente "observar" os efeitos ou produtos deste processo. Existem actores invisíveis que se tornam visíveis, actores fortes que se tornam frágeis e actores que se deslocam continuamente. Isto significa que num processo de networking não é possível cristalizar os actores, e é por esta razão que a TAN se deverá assumir mais como uma ontologia de quase-objectos onde a palavra decisiva é "movimento".

⁵ Note-se que a palavra "Translation" no seu sentido original na língua inglesa traduz não só o significado de "tradução", mas também o de "transformação" que é aqui particularmente importante.

Conclusão

Vimos neste trabalho como os conceitos explorados por J. Law no contexto da TAN se assemelham aos de B. Latour , salvaguardando as peculiaridades de cada abordagem. Tentei a partir dos exemplos usados por cada um dos autores reflectir um pouco sobre questões que considero fundamentais. Como o principal objectivo se centrava no comentário à frase de Latour pareceu-me ser interessante uma análise mais detalhada ao caso “Pasteurização da França” para demonstrar de que forma se consegue apreender um efeito de um processo de networking e principalmente apontar para a extensão de tais processos, os seus efeitos são visíveis nas instituições, no poder político, nas organizações hospitalares e de saúde pública e por fim nas próprias rotinas de cada indivíduo, tendo-se desta forma expandido por toda a França. Como é então possível separar os actores do processo em que se encerra a sua própria génese?

Podemos concluir dizendo que segundo esta perspectiva que pretende ela mesma ser uma superação de várias outras, tudo o que existe são processos de networking , processos esses com características próprias, resultantes de contextos específicos, sendo o actor “contexto” aquele que muitas das vezes determina a estabilidade e a volatilidade do próprio processo. A força e a precariedade dos actores não é uma capacidade que lhes é intrínseca mas resulta como já disse de coordenadas espaço – temporais, ou se lhe quisermos chamar contextuais, que faz com que a identidade que assumem só faça sentido no seu contexto relacional.

Lamento não ter sido possível alongar-me com esta questão ficando assim por abordar um factor determinante na TAN, a questão da legitimação do poder. Assim como na perspectiva já analisada de Michel Foucault, também aqui o poder se dissemina em todo o processo através dos actores que pelo conhecimento controlam os dispositivos certos. Pasteur porque detinha o conhecimento certo e as técnicas, pôde controlar e impor determinadas condições no tecido social que o modificariam para sempre.

Para terminar pareceu-me que Latour pretendeu ainda com este trabalho sobre "o que os cientistas fazem nos seus laboratórios" desmistificar uma concepção de ciência completamente afastada do social. O cientista não é uma entidade separada do mundo, o seu trabalho deixa de estar envolto em mistério e a noção de mundo exterior ao seu trabalho pura e simplesmente não existe.

Na minha perspectiva esta é verdadeiramente uma visão holística daquilo a que chamamos realidade.

Referências bibliográficas

CRAWFORD, T. Hugh - An interview with Bruno Latour, Virginia Military Institute, 1990

<http://muse.jhu.edu/demo/configurations/1.2crawford.html>

SCHULTZ, Pit – Latour, Bruno: On actor Network Theory: A few clarifications 2/2, 1998

<http://www.desk.nl/~nettime/>

LATOUR, Bruno - On Seeing Paris as a Whole: The Notion of Panopticon, Vancouver Institute, on **November 7** at 8:15 p.m. in Lecture Hall No. 2 in the Woodward Instructional Resources Centre, University of British Columbia. <http://theplace.enposte.net/vaninst/VbLatour.html>

FINN, Olsen – Bruno Latour in " Om aktor-netvaerksteroi. Nogle fa afklaringer og mere end nogle fa forvikinger", *Philosophia*, (Danish philosophy journal), vol. 25, n°3 et 4, pp. 47-64, 1997

<http://www.ensmp.fr/~latour/>

LAW, John – Notes on the Theory of the Actor – Network: Ordering, Strategy, and Heterogeneity, *Systems Practice* , Vol.5, No.4, 1992

LAW, John and MOL, Annemarie – Notes on materiality and sociality, on *The Sociological Review*, Vol.43, no.2, 1995, pp.274-294